

Um conto baseado nos episódios de histórias reais da colecção de  
"Desabafos e recomeços da Autora.

# BALA PERDIDA

Nada é por acaso

JUVENÁLIA DA COSTA

**Copyright © 2015 Juvenália Da Costa** Todos os direitos reservados.

**Capa:** Juvenália da Costa

**Correio eletrônico**

**Juvenaldacosta@outlook.com**

*Juvenália  
Da Costa*

E-mail: [Juvenaldacosta@outlook.com](mailto:Juvenaldacosta@outlook.com)  
Contacto comercial: 924 432 671

*Juvenália  
Da Costa*

Instagram: @nhiurcas  
Facebook: Juvenalia Da Costa

---

*Mesmo sabendo que um dia a vida acaba, nós nunca estamos preparados  
para perder alguém.*

*Nicholas Sparks*

---

*Juvenália  
Da Costa*

# CONTO

Uma história de vida real.

*Juvenália  
Da Costa*

## ***BALA PERDIDA***

Não sei de onde fui tirar forças para conseguir escrever hoje, só sei que a vida fez questão de me tirar a felicidade antes de tê-la em minhas mãos.

Conheci uma jovem no Cazenga, eu estava de passagem lá porque fui visitar um primo, quando a vi pela primeira vez senti que ela era a tal, àquela que eu procurei a vida inteira, pedi-lhe que entrasse no meu carro para lhe dar boleia, ela hesitou e ignorou-me sem olhar para mim, quanto mais ela se afastava eu a seguia, desci do carro então e lhe pedi que entrasse educadamente e quando olhou para mim eu senti uma faísca, senti que aquele choque eléctrico que os nossos corpos experimentaram era recíproco. Ela era linda, de pele negra lisa, olhos grossos que denunciavam sem esforço o prazer de me ter conhecido.

Quando finalmente aceitou, eu a levei até a universidade. Disse-me que tinha os seus dezanove anos de idade e estava a fazer o primeiro ano de Direito. Escolheu o curso para ajudar o país e as pessoas, fiquei ainda mais encantado pela maneira emocionante que falou. Passado alguns dias a

*Juvenália  
Da Costa*

convidei para sair comigo. Fomos até ao centro comercial (Belas), ver um filme. Ela me fazia agir como um menino quando estava perto dela, tive vontade de lhe beijar, lhe abraçar e dizer que queria que fosse minha, mas para não causar a impressão de que queria apenas aquilo, me contive.

No caminho para casa, ganhei coragem e pedi que fosse minha namorada, expressei todo o meu sentimento, ela disse que gostava de mim e que me achava divertido, mas só me daria a resposta no dia seguinte quando fôssemos sair de novo...

Fui para casa com um gostinho do sim porque ela me deixou um beijo suave nos lábios antes de sair do carro. Fiquei tão entusiasmado com aquele gesto que o meu corpo paralisou enquanto a via afastar-se do carro. Estava apaixonado, era notável na forma como olhava para ela. Naqueles dias, encontrar um amor tão puro e sincero como aquele, era raro. Se ela me dissesse que sim, estaria disposto a casar com ela no dia seguinte, podia ser uma loucura, mas eu estaria disposto.

Os dias foram passando mais coloridos para mim, porque apesar de demorar duas semanas para me dar uma resposta, eu fui paciente e lhe mostrei com atitudes que um homem que ama, sabe e pode esperar pela pessoa amada sem medo. Fui honesto desde o primeiro momento e respeitei o tempo que precisou pensar sobre nós dois, na verdade, penso que foi só uma coisa de mulher, porque durante aquelas duas semanas, nós parecíamos

*Juvenália  
Da Costa*

namorados, dava-lhe boleia até a universidade e depois lhe levava de volta a casa depois dos nossos passeios noturnos pela praia, íamos ver a secção das zero horas no cine-place duas ou três vezes por semana. Uma das muitas coisas que tínhamos em comum era o vício por filmes. Ela detestava filmes de terror, mas uma vez eu a desafiei a assistir comigo, era a “Freira”, um filme muito famoso na altura, acreditam que ela adormeceu? Sim, nunca tinha visto ninguém a adormecer enquanto assistia a um filme de terror. Gozava com ela muitas vezes por aquilo e a partir dali marcou os nossos dias no cinema para sempre na minha memória.

O tão esperado sim, surgiu quando eu menos esperava, estávamos no carro, a comer o nosso gelado “rabugento ”, a jogar conversa fora, quando ela, com o polegar direito limpou o canto direito entre os meus lábios, olhou para mim com avidez e disse-me:

– Sim.

Fiquei com o corpo mais quente instantaneamente, provocando em mim um desejo ardente, intenso e voraz.

– Sim? Sim, o quê? – Perguntei já desconfiado da resposta.

– Eu, Feliciano Nunda Silva, aceito namorar com o Domingos Sebastião. Porque eu não imagino o que seriam dos meus dias sem ti.



Emocionei-me imediatamente e em seguida atirei o gelado pela janela e tomei os lábios dela com maior intensidade que a água que cai de uma cachoeira. A doçura que provei daqueles lábios, não podia ser somente do gelado que comemos, ela tinha os lábios mais macios e doces que alguma vez provei. O beijo tão esperado foi tão ardente e intenso que nos levou a experimentar a excitação de ambos os corpos. Todo o corpo dela enrijeceu e estremeceu com força com as minhas investidas no pescoço e apertos sobre os mamilos. Mesmo querendo fazer amor com ela naquele momento, eu tive que me controlar e lhe pedir que parasse de me tocar. Não sei que bicho lhe mordeu naquela noite, mas ela não quis parar, era como se quisesse ver o que eu tinha debaixo da calça preta naquele momento, apertava a minha zona volumosa e roçava em cima dele como um animal faminto. Eu era o adulto ali e por pouco a minha cabeça, onde tenho o cérebro, venceria aquele duelo entre o querer e a razão. A sorte foi que estávamos em uma rua isolada e escura do Projecto nova vida. Ela conseguiu obter finalmente o material grosso que procurava e não sei onde ela aprendeu a fazer aquilo, só sei que eu me sentia mais chupado do que o gelado. Tive que tomar uma atitude e fazer o mesmo com ela, ensinar que a minha boca tinha outra utilidade e ali, a minha Feli não fez mais nada a não ser, me arranhar as costas, a cabeça e gritar para eu não parar mais. Decidi que fôssemos para a parte de trás do carro para consumir o acto, para que eu provasse aquele doce de uma vez

por todas quando por segundos ouvimos batidas no carro. Os vidros estavam completamente embalsamados, por isso não se via quem era, vesti a cueca apressadamente e fui para parte de frente. Quando baixei o vidro, era a polícia.

– Jovens? Vocês não sabem que é proibido fazer sexo no carro, ainda mais a essa hora? Me acompanhem na esquadra agora!

Fiquei envergonhado, mas qual é o homem que nunca esteve em uma situação como aquela? – Acabei de vestir fora do carro para falar com o policial, ele estava armado em malandro e nos fez mesmo ir até a esquadra, quando o objectivo principal era apenas receber uma gasosa (dinheiro). Estava a pedir vinte mil kwanzas, mas falei bem com os camaradas e só lhes deixei dez paus. Foi uma situação que marcou as nossas vidas, foi assustador e engraçado ao mesmo tempo. Os outros encontros foram programados em pensões, hotéis e em casa de amigos. O nosso romance estava tão bom que até causava inveja, éramos inseparáveis, onde tinha Felí, tinha Domingos e vice-versa. Meus amigos reclamavam porque eu não tinha mais tempo para eles, o que eles queriam? Eu tinha tudo ao lado da Feliciano, ela completava os meus dias, depois do trabalho explorado da fábrica, eu só pensava em estar com ela. Descansar no seu colo, ouvir sobre os casos que ela estudava e me perder nas curvas do seu corpo. Em tão pouco tempo, Feliciano se tornou no motivo pelo qual eu acordava todas as manhãs e suportava o calor

*Juvenália  
Da Costa*

infernais daquela fábrica gerida por Indianos, trabalhávamos como escravos, não tínhamos equipamentos de protecção individual que suportasse aquela alta temperatura, era entrar cedo e sair tarde, quase todos os dias. Trabalhávamos com aço e nem por isso eles sentiam pena de nós, pagavam mal e o nosso governo nunca fazia nada. Se não fosse pela Feli, eu já teria deixado aquele trabalho e continuava com o meu plano de abrir mini cinemas pelos bairros. Era um projecto que tive a muitos anos atrás. Quando contei sobre o projecto para ela, ela ficou tão entusiasmada que queria que eu pusesse em prática logo. Eu fiquei tão contente por saber que ela acreditava em mim e nos meus sonhos. Ela me mostrou que era uma menina mulher. Sabia aconselhar sobre as coisas, sabia ralhar quando fosse preciso e me mostrar que era valente e verdadeira. Não encontrei na Feli, apenas uma mulher, namorada ou amante. Encontrei uma companheira para toda a vida.

Com o passar do tempo fomos nos convertendo em parceiros para o bem e para o mal. Ela estava comigo nos momentos de felicidade e também nos momentos em que perdi familiares próximos. Tanto que eu já queria conhecer os pais dela, mas ela dizia sempre para eu ter paciência porque ela só pensava em casar quando terminasse a faculdade. Era uma promessa que tinha feito para ela mesma e dizia com orgulho. Concordei com ela na altura, mas na verdade eu já estava preparado para ter a minha mulher, com vinte e nove anos a viver em casa dos tios, para mim parecia mal. Porque os meus

*Juvenália  
Da Costa*

tios são as minhas referências de casamento, amor e companherismo. Com eles aprendi muito e aprendo até hoje, porque são para mim, os pais que eu nunca tive. À noite, tive uma conversa séria com a Feli, pedi-lhe que me deixasse apresentar-se em casa dela como namorado, mas ela disse que iria pensar e me dar a resposta no dia seguinte. Eu assumo que estava a ser chato quanto aquilo, mas eu já não tinha idade para namorar as escondidas. Queria poder passar a noite com ela sem ter que mentir que dormiria em casa de uma amiga. Queria apresentar-me e lhe dar o devido respeito. Mas ela parecia sempre meio hesitante quanto ao tema. Não sei se estava a ser rápido demais, se lhe estava a sufocar ou se simplesmente quisesse que a minha vontade fosse atendida. Só sei que naquela noite, senti que ela me quisesse dizer algo mais. Algo que nem mesmo ela sabia mas a sua voz gritava por algo mais, mas nenhum de nós entendeu. Adormecemos ao telefone por um interminável minuto de silêncio. Não sei quem dormiu primeiro, só sei que acordei com o telefone junto a orelha.

No dia seguinte, tentei contactá-la, mas ela não atendia as minhas ligações nem respondia as minhas mensagens. Fui trabalhar mas não parava de pensar nela e na resposta dela, tentei mais de mil vezes falar com ela mas nada, para não pensar o pior, convenci-me de que talvez tivesse deixado o telemóvel em casa e por isso não atendia. Tentei ficar com essa esperança.

*Juvenália  
Da Costa*

Mas por volta das dezanove horas decidi ir até ao bairro dela, achei estranho porque no princípio da rua não estava a entrar nenhum carro, havia muita gente lá na rua, parecia que o bairro todo estava na rua dela. Tentei ligar de novo. Não quis ser muito atrevido a ponto de bater na porta dela, embora fosse o que mais queria. Fiquei mais preocupado porque ela não atendia.

De repente um menino bateu no vidro do meu carro e disse-me:

– Meu cota tem que encostar o carro aí porque aqui não está a passar nenhum carro.

Eu perguntei porquê, ele respondeu-me:

– Meu cota, esse país está mal! O que fizeram hoje de manhã não se faz yah!

– O que aconteceu então? Perguntei curioso e sentindo uma dor inexplicável no peito. Como se o coração fosse sair do peito.

– Hoje de manhã a polícia estava a perseguir um bandido a tiro, ele estava a pular de casa em casa enquanto os policiais davam tiros. Aquilo acordou a vizinhança toda, mas o mais grave não é isso.

– O que é?

– Um dos tiros atingiu uma jovem, Éh! Miúda muito educada e estudada. Foi uma bala perdida. Ela estava em casa da amiga a conversar, você sabe já como é que essas dengues gostam de fofocar, né?

Meu corpo paralisou enquanto o jovem falava.

– Conversa daqui, conversa dali, quando ouviram os tiros a bala lhe entrou pela orelha e saiu pela cabeça...morreu naquele momento! Coitada, mas a polícia mesmo aquela hora da manhã era para trocar tiros com os bandidos, sabendo que já tinha pessoas acordadas, isso mesmo se faz moço?

A minha dor não podia aumentar mais naquele momento quando lhe perguntei o nome da moça.

– É a Felí, filha do tio Zé Silva, que mora mesmo nessa rua.

Eu não consegui conter as lágrimas que já estavam acumuladas nos olhos, não acreditei que era verdade. Não podia ser.

– A minha Feliciano? É a minha Feliciano mesmo? Fiquei sem chão e desmaiei logo...

Quando acordei estava no quintal, a amiga dela conhecia-me, por isso ajudou-me. Contou-me como aconteceu dizendo que elas estavam a falar de mim naquele momento quando levou o tiro. Falava a chorar. Perdeu a amiga num piscar de olhos. Chorei com ela naquele momento. Não podia acreditar

que ela já não estava entre nós. Que o meu amor já não estava ali. Porquê?  
Porquê ela?

Tiraram-me a mulher que mais amei na vida, não consegui entender porque foi tudo tão rápido.

Não foi fácil aguentar àquela dor, por isso empenhei-me em causar a vida do polícia que matou a minha Feli num inferno. Gastei a maior parte do dinheiro que guardei para nós, para contratar advogados e ajudar a família da Feli a pôr o homem na cadeia. Não foi fácil porque ele era polícia e tinha influências. Ficou um mês preso e depois saiu, nós não descansamos até que ele pegou mais anos. Era por casos como aquele que a Feli estava a se formar, por isso empenhei-me com tudo que estive ao meu alcance para fazer o senhor pagar por tudo, para fazer com que a justiça se cumprisse. Quando conseguimos fazer com que a justiça se cumprisse, pensei que o vazio que eu tinha no peito seria preenchido finalmente, mas enganei-me. Não mudou nada dentro de mim, ganhei aquela batalha na justiça, mas a batalha interior, que corroía o meu coração não tinha mais cura, eu estava destinado ao vazio desde a partida da Feli.

Minha vida acabou naquele instante e hoje já não consigo amar ninguém.

*Juvenália  
Da Costa*

A 27 de Abril de 2015

Domingos Sebastião

**FIM**

*Juvenália  
Da Costa*



## POSFÁCIO

Este conto foi escrito em 2015, quando por uma amiga, recebi a notícia de que uma jovem perdera a vida por uma bala perdida, no Cazenga, quando os policiais perseguiram um bandido. Ao ouvir a notícia, senti muito pela jovem e pela família enlutada, mas a minha veia artística alertou-me naquele momento que seria uma boa história para ser escrita e através dessa informação, criei essa história. A morte da Feliciano é real, mas o resto tem o meu toque artístico.

O que me surpreende ao contar uma história, são os comentários que leio, ao descrevê-la, eu não tenho completa noção da lição ou do impacto que pode causar para cada um dos leitores.

Por isso, mais uma vez, enviei a história para quatro leitores, a fim de recolher sugestões, ideias, sobre o impacto e lição que a história causaria e eis que eles não hesitaram e responderam-me de acordo.

Os comentários abaixo, foram descritos, antes da última edição e através deles, fiz alterações seguindo a opinião dos leitores. Agradeço de coração, a vossa disponibilidade de ler e comentar sobre todas as histórias que escrevo.



**Jaime Tchassola**

*A última parte parece meio exagerada, eles nem chegaram de namorar ele disse logo que a mulher que mais amou, penso que, deviam ter mais um pouco de intimidade ou pelo menos ela estaria grávida dele, assim teria mais Drama. A forma que se conheceram, poderia ser mais romântica, todos sabem que as moças do Cazenga gostam de homens com carro. Poderia ser ele com o carro e ela o ignorasse e depois ela precisaria de ajuda e poderia rolar um grande amor. Ou ela ajudaria ele com o carro e depois rolaria um climão.  
Muito boa lição, mas não devia dizer a mulher que mais amei, porque foi tudo muito rápido.  
Quando leio fico a rir da tua imaginação louca mas perfeita, mas hoje fiquei sério pra prestar melhor atenção nos detalhes.*

*Juvenália  
Da Costa*



**Bruna Vidal**

*Aí meu Deus que triste.*

*Em quanto tempo idealizaste e escreveste este conto?*

*Pensei que foi muito rápido e básico... Podias retocar mais... Do tipo... Sei lá! Ela poderia ser alvejada pela bala perdida mas não morrer, e daí dares continuidade ao conto... Para mim não houve lição porque a polícia nem sequer foi "punida"... Tu até pegaste num facto ultimamente muito recorrente no nosso dia-a-dia (muito pertinente)..., poderias descrever muito mais. Se calhar não estou a saber explicar o que faltou, mas este conto por ex não está como o da entrevista de emprego (foi curto). Achei o conto "A entrevista de emprego" mais bem estruturado.*



**Lizandra Ramos**

*Tão logo vi o título, pensei que seria um conto intenso. Essa é a realidade de muita gente; a Feliciano podia ter aceiteado o moço e ser feliz nem que fosse simplesmente naquele momento, as vezes, deixamos tanta coisa para amanhã e acabamos perdendo. Como também perdemos muitos familiares por conta da troca de tiros entre meliantes e policiais. Nunca é cedo demais quando há sentimentos.*

*As pessoas vão gostar de ler.*



Léo

*Quando comecei a ler, logo me identifiquei com a história. Porque até certo ponto foi similar ao que aconteceu comigo, tipo a minha mulher, eu conheci ela também no Cazenga, só que na altura eu não tinha carro, mas ela chegou de desmaiar e eu tive que lhe levar para casa. Dei uma de caenche e levei-lhe para casa. Então identifiquei-me com a história logo desde o começo, mas foi triste quando vi que ela estava a se desenrolar de um jeito completamente diferente e em especial quando aconteceu a tragédia, porque pelo menos eu estava positivo que poderia acontecer aquilo com qualquer uma pessoa na história, não logo com ela e foi muito doloroso, sendo que, é uma coisa que aconteceu justamente no momento em que ele esperava tê-la como namorada, porque já tinha receio de pedir em namoro tão cedo porque tinha medo que ela julgasse aquilo como alguém que quisesse apenas sexo, como muita das vezes acontece. Foi algo triste, foi uma tragédia mesmo, que eu sinceramente não pensava que tivesse acontecido logo com ela e após aquilo que eles estavam a tentar idealizar, mas prontos, é um conto não? É triste, eu como nasci e cresci no Cazenga, sei perfeitamente como é a bandidagem, bem, actualmente mudou um pouquinho. Então ao ver que aquela perseguição da polícia praticamente resultou na morte da Feliciano, é triste. Mas são coisas da vida, são coisas muito comum no Cazenga, então é só coragem. Agora, não sei tu consegues fazer aquela tua magia para aumentar um pouco o conteúdo, porque achei que foi muito rápido, eu só assustei já está. A história acabou muito rápido. Para ser sincero, fiquei em dúvida se li todas as páginas ou se saltei alguma, porque foi muito rápido mesmo.*

## PAY IF YOU LIKE

A escrita é uma maneira de apreender a realidade interna do ser-no-mundo assim como o seu contexto histórico e social. Para isso, há que se ter uma apreensão estética e um sentimento de empatia com a humanidade. Quando escrevo, mergulho no mais profundo dos meus pensamentos e sentimentos. Vivo cada momento, cada detalhe, como se pudesse realmente entender cada personagem descrita.

Dessa arte, que tanto amo e entrego-me de corpo e alma, não ganho o meu alimento, mas me contento por saber que alguém a consome. Porque a minha arte, é tão importante quanto as outras, julgo ser tão importante quanto a música, a pintura, bandas desenhadas e outras.

Como apoio à toda arte disponibilizada gratuitamente, a **PAY IF YOU LIKE**, traduzida como **“PAGUE SE VOCÊ GOSTAR”** surge como um meio-termo entre artistas e consumidores. Você não precisa de viver insatisfeito por ter comprado um trabalho ou producto de baixa qualidade, igualmente não pode deixar de apoiar e incentivar os artistas do seu país que se dedicam nesta e outras artes, tanto de dentro como de fora.

Não há preço nem exigências, esses modelos podem eliminar o medo de um produto valer um determinado preço definido e o risco relacionado de decepção. Pague apenas o que estiver ao seu alcance porque nenhum dinheiro dado de boa intenção será pouco, e na ausência de apoio financeiro, você estará a ajudar o artista a ir mais longe, partilhando com pessoas que podem pagar pelo consumo, ou então apoiar com entrevistas na rádio, televisão ou outros meios de visibilidade para a voz do artista ecoar pelo país e pelo mundo.

Você só precisa parabenizar os artistas pela qualidade e incentivá-los a serem melhores nos próximos trabalhos. Apoie a arte nacional e pague pelo que gosta.

CHAMO-ME JUVENÁLIA  
DA COSTA, SOU  
FORMADA EM  
ENGENHARIA DE  
PETRÓLEO.

DEDICO-ME A ESCREVER  
LIVROS POR SER  
APAIXONADA PELA  
ARTE.

AGRADEÇO A VOCÊ POR  
TER LIDO MAIS UMA  
HISTÓRIA AQUI.

PAGUE SE GOSTAR  
E LIGUE SE PUDER  
AJUDAR!



Contacto: 924 432 671

Conta: 104573824 10 001

IBAN: AO06.0040.0000.0457.3824.1019.6

*Juvenália  
Da Costa*